

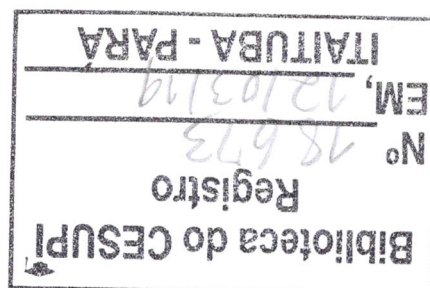


CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

IVANILDE ARAUJO DOS SANTOS

LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS:

**Um Estudo de caso na escola Municipal de Educação Infantil e
Ensino Fundamental da Comunidade Jardim do Ouro, município de
Itaituba – PA**



Itaituba – Pará

2017

IVANILDE ARAUJO DOS SANTOS

LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS:

**Um Estudo de caso na escola Municipal de Educação Infantil e
Ensino Fundamental da Comunidade Jardim do Ouro, município de
Itaituba – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Mara Aparecida
Nascimento.

Itaituba – Pará

2017

IVANILDE ARAUJO DOS SANTOS

LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS:

**Um Estudo de caso na escola Municipal de Educação Infantil e
Ensino Fundamental da Comunidade Jardim do Ouro, município de
Itaituba – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Mara Aparecida
Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof. Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva.

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Esp. Mara Aparecida Nascimento

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Esp. Margarete Ferreira De Aguiar

Itaituba – Pará

2017

*Dedico primeiramente a Deus, a minha mãe,
dona Amanda, dedico essa conquista, pois era o
sonho dela me ver formada e aos meus filhos Ellen,
Poliana, Maycon e Jhon.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente pela sua misericórdia e cuidado para comigo.

As minhas filhas Ellen e Poliana pelo apoio.

Aos professores do curso de Pedagogia da FAI.

A Faculdade de Itaituba que concedeu até alojamento para os acadêmicos de fora de Itaituba.

RESUMO

Entende-se a leitura e a escrita como fundamentais para os estudos posteriores dos educandos. No entanto, observou-se que as crianças na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Jardim do Ouro possuem certa dificuldade com a leitura e com a escrita nas séries iniciais. Investigar fatores que contribuem para a deficiência no aprendizado da leitura e da escrita nas séries iniciais; traçar panorama da alfabetização observando-se teoria e prática; promover o repensar do papel do professor quanto a tarefa de saber ensinar e de incentivar o apreender; sugerir uma possibilidade de aprendizagem motivadora e dinâmica através de projetos e materiais paradidáticos e alternativos. Evidencia-se entre as causas das o aprendizado de leitura e escrita: a compreensão errônea que às vezes professores e professoras têm do ato de ler, ausência da família no cotidiano escolar; falta de envolvimento da escola como um todo diretamente no processo de aprendizado da leitura e da escrita através de projetos e de iniciativas. Numa concepção de aprendizado da leitura e da escrita que segue uma linha de evolução regular, um dos papéis importantíssimos do professor é: estimular aspectos motores, cognitivos e afetivos vinculados ao contexto da realidade sociocultural dos alunos, independente da classe social, do dialeto falado ou de ter ou não cursado a pré-escola.

Palavras chave: Leitura. Escrita. Séries Iniciais. Escola. Jardim do Ouro.

ABSTRACT

Reading and writing are understood as fundamental to the students' subsequent studies. However, it was observed that the children in the Municipal School of Early Childhood Education and Fundamental Jardim do Ouro have some difficulty with reading and writing in the initial grades. To investigate factors that contribute to the deficiency in the learning of reading and writing in the initial grades; To draw a picture of literacy by observing theory and practice; To promote the rethinking of the role of the teacher as the task of knowing how to teach and to encourage him to apprehend; To suggest a possibility of motivating and dynamic learning through projects and materials and alternative paradises. It is evident among the causes of the learning of reading and writing: the misunderstanding that sometimes teachers have of the act of reading, absence of the family in the school daily; Lack of involvement of the school as a whole directly in the process of learning to read and write through projects and initiatives. In a conception of reading and writing that follows a regular line of evolution, one of the teacher's most important roles is: to stimulate motor, cognitive and affective aspects linked to the context of students' socio-cultural reality, regardless of social class, spoken dialect or Whether or not he attended pre-school.

Keywords: Reading. Writing. Initial series. School. Gold Garden.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ASPECTOS GERAIS E CONCEITUAIS DA LEITURA E DA ESCRITA	9
1.1 CONCEPÇÕES QUANTO À ESCRITA	9
1.1.1 Conceituação de leitura	11
1.1.2 Tipos de leitura	14
2 O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS	17
2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DEFINIÇÕES	17
2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO	18
2.3 O PAPEL DO EDUCADOR NO LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO.....	21
2.4 DIFICULDADES COM A LEITURA E COM A ESCRITA.....	23
3 ESTUDO DE CASO ESCOLA DA COMUNIDADE JARDIM DO OURO	26
3.1 METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA.....	26
3.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	27
3.3 FICHAS DE DESEMPENHO ESCOLAR DO 1º ANO	27
3.4 FICHAS DE DESEMPENHO ESCOLAR DO 2º ANO	34
3.5 QUESTIONAMENTO COM OS PROFESSORES	42
3.5.1 Projeto de ação: incentivo a leitura na construção do saber.....	44
3.5.2 Material didático alternativo	45
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC), para a obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Itaituba (FAI), tem como tema “Leitura e escrita nas séries iniciais: um estudo de caso na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Comunidade Jardim do Ouro, Município de Itaituba – Pará.

Crianças das séries iniciais da referida escola apresentam dificuldades com a leitura e com a escrita, necessitando de reflexão sobre os fatores determinantes. Nesse sentido, os objetivos deste estudo são sugerir uma aprendizagem diferente, motivadora e dinâmica através de projetos e materiais paradidáticos alternativos.

Na intenção de melhor compreender a problemática foram analisadas as fichas de desempenho escolar de duas turmas (1º e 2º ano de 2010). Em seguida foram levantados questionamentos com os professores da escola Jardim do Ouro, os quais trabalham com as séries iniciais, procurando entendimento quanto às dificuldades dos alunos em relação a leitura e a escrita, inclusive quanto à metodologia utilizada para este ensino em específico.

O presente estudo está fundamentado em estudiosos tais como Emilia Ferreiro, Freire, Cagliari, Souza, Zilberman, Lajolo, entre outros, os quais discutem sobre elementos necessários para trabalhar a leitura e a escrita nas séries iniciais, bem como definições gerais e as dificuldades inerentes.

O primeiro capítulo trás aspectos gerais e conceituais da leitura e da escrita. O segundo aborda o ensino da leitura e da escrita nas séries iniciais. O terceiro capítulo faz um estudo de caso escola da comunidade Jardim do Ouro.

O projeto monográfico foi desenvolvido entre os meses de janeiro de 2011 e fevereiro de 2012, compreendendo etapas de elaboração do pré-projeto da monografia, coleta de dados bibliográficos, elaboração de fichamentos e resenhas, entrevistas com os professores da escola pesquisada, de análise dos dados coletados, redação final e montagem da monografia, culminando com a defesa em banca no mês de março de 2012.

1 ASPECTOS GERAIS E CONCEITUAIS DA LEITURA E DA ESCRITA

1.1 CONCEPÇÕES QUANTO À ESCRITA

A escrita constitui-se num sistema de comunicação humana por meio de sinais visuais (signos convencionais), código que transmite a palavra, ou seja, a fala. A escrita, segundo Cagliari (2010, p.97), “seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural”.

Conforme Martins (1998, p.195), a escrita surgiu bem antes do livro, para a sociedade operar as relações sociais e econômicas. Para isso estabeleceu um código que pudesse ser reconhecido e aceito por todos. Informações históricas sobre a escrita obtida em Cagliari (2010, p. 91), dão conta que a mesma “pode ser caracterizada como tendo três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética”. A pictórica se dava através de desenhos ou pictogramas. A ideográfica se dava por desenhos especiais chamados ideogramas, de onde a evolução trouxe o atual alfabeto. As mais importantes escritas ideográficas são a egípcia, a mesopotâmica, a da região do mar do Egeu e a chinesa.

Por volta de 300 a.C, supõe-se que a influência da escrita suméria se expandiu para o oeste, até o Egito. A influência egípcia, por sua vez, por volta de 2000 a.C deu origem à escrita cretense e, alguns séculos mais tarde, na Anatólia, à escrita hieroglífica hitita (BARBOSA, 1990, p. 28 apud LINHARES 2011, p. 17).

A fase alfabética caracteriza o uso das letras assumindo a função de representação fonográfica, passando antes por transformações. Os fenícios utilizaram vários sinais da escrita egípcia escrevendo o som consonantal. Os gregos acrescentaram as vogais, criando assim o sistema da escrita alfabética.

A invenção do livro e, sobretudo da imprensa são grandes marcos da História da Humanidade, depois é claro, da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para a do público em geral e seu consumo é de mais significativo na forma da leitura, do que na produção de textos (CAGLIARI, 2010, p. 97).

Quando se inventou os tipos móveis e a impressão mecânica a circulação era difícil e durou até o século XV da Era Cristã. Para que todo material pudesse ser lido e divulgado, surgiu a preocupação de como ensinar o povo a ler. Na época, como

não havia pessoal qualificado, instituiu-se escravos para ensinar a ler, a decifrar e decodificar as palavras, mais tarde a escola foi instituída encarregada de ensinar.

Inicialmente, as anotações eram feitas em tabuletas de argila, mais tarde em papiros, depois em pergaminhos, papéis de baixo custo, onde o escriba, "aquele que exercia a profissão de copiar documentos. Documentava a informação oral recebida de poeta, de administrador, entre outros (FERREIRA, 2001, p. 557).

Conforme Barbosa (1990 apud LINHARES, 2011, p. 18), a escrita representa a língua e não a fala, no que completaria Ferreiro (1996, p.27), afirmando que a escrita representa as marcas da sonoridade da língua que são diversas na região geográfica, pois "em cada região predomina uma linguagem que graficamente se usa para só um tipo de escrita".

Toda a escrita alfabética tem como princípio fundamental marcar as diferenças sonoras através de diferença gráficas, mas no desenvolvimento histórico se produzem inevitavelmente defasagens entre esse princípio geral e as realizações concretas da língua escrita evoluindo muito mais lentamente do que a fala, a segunda razão é de caráter especial na medida em que uma língua se estende a um número crescente de usuários dispersos numa área geográfica ampla, surgem variantes dialetais em maior ou menor medida do que representa por escrito (BARBOSA, 1990, p.30 apud LINHARES, 2011, p.19)

Conforme Cagliari (2010), "a única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar letra e som é a transcrição fonética". (CAGLIARI, 2010, p.101). A língua escrita estabelece regras na grafia para cada linguagem, se efetivando com a língua falada, mas não dependendo dela, visto que, segue normas que seguem um padrão, ou seja, escrever certo não é escrever como se fala e sim obedecer a norma padrão.

Escrever é um ato planejado. Exige conhecimento, tempo e paciência, entre outra série de outros requisitos. Permite pensar, planejar. Selecionar, para depois escrever. Permite ainda, voltar atrás no que foi apresentado, corrigido, acrescentando coisas, reorganizando-as etc. O escritor faz isso sozinho na maior parte das vezes. Explica-se, por isso, ser a escrita uma atividade mais demorada do que a fala. Escrever não é mera transposição ou tradução da fala em sinais gráficos, portanto o escrito exige ainda, que o autor esteja consciente de seu texto será lido por outras pessoas (MAROTE, 2003, p. 76).

O sistema de escrita da Língua Portuguesa, conforme Cagliari (2010, p. 102), além de letras usa recursos especiais para representar alguns sons da fala "como o caso de duas letras para representar um som" (os dígrafos). Usa também letras que

não têm som nenhum na fala (h). “Letras que se relacionam com diferentes segmentos fonéticos”.

Existem também alguns sinais gráficos promove um valor sonoro especial às letras: acento agudo, grave, circunflexo til, ponto de interrogação, de exclamação e final, reticências, aspas etc. “É muito comum um uso morfológico de letras, sobretudo de grupo de letras, formando Abreviaturas e siglas”.

Apesar de nossa escrita conter números, siglas, sinais, ideográficos, etc., ela é fundamentalmente alfabética, tendo como base a letra. Isso precisa ficar bem claro, porque é uma prática comum, nas classes de alfabetização, usar a sílaba como base, trazendo confusões e dificuldades para a criança (CAGLIARI, 2010, p.103).

Segundo Cagliari (2010, p. 98), “a escrita tem como objetivo a leitura, enquanto que a leitura tem como objetivo a fala”. A escrita é mais exigente do que a fala, pois esta tem o objetivo de cumprir a comunicação entre os povos, seja transmitindo descobertas ou conhecimentos, promovendo negociações.

Segundo Ferreira (1999), “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade, como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções de existência”. Nesse sentido, escrever é manifestar o que intriga no mundo, construir e dar uma forma às sensações, emoções e reflexões sobre a vida. Os jornais e revistas são tão comuns ao homem moderno quanto a comida, ou seja, para a maioria das pessoas aprender a andar e a falar é tão comum quanto os atos de aprender a ler e a escrever.

1.1.1 Conceituação de leitura

A leitura seria simplesmente o ato ou efeito de ler, o hábito de ler, a arte de ler, ou mesmo a arte fixar um texto de autor, segundo determinado critério. Entretanto, conforme Freire (2003, p.13) trata-se de um processo bem mais complexo, “tanto quanto sutil e natural, o qual se vale da motivação e conhecimento de mundo e da continuidade da auto - identificação para suprir seus almejados objetivos”.

O ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Nesse sentido, os primeiros passos para se aprender a ler começam na compreensão que dá sentido a leitura para quem lê.

"Trata-se de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida (MARTINS, 1998, p. 17).

No geral, pode-se afirmar que a leitura é o ato de decodificar sinais gráficos, é uma prática, um ato mecânico. É possível através do funcionamento do aparelho visual e de algumas funções do cérebro, da operação da percepção, de identificação e de memorização. É um ato concreto no qual o ser humano recorre a faculdades definidas. Depois que se decifram os signos se tenta entender do que se tratam as palavras e grupos de palavras por meio de elementos de significação.

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. (CAGLIARI, 2010, p. 133)

Segundo Freire (2003, p. 15), "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta explica a continuidade da leitura daquele". Nesse sentido, o entendimento de um texto é um processo que se vale de conhecimento de mundo, adquirido ao longo de sua vida, utilizando-se do que já se sabe, considerando as experiências e vivências que dão informações e as emoções para se construir o sentido de uma leitura.

Para os falantes de uma mesma língua, ler um mesmo texto pode gerar interpretações diferentes, baseadas na estrutura de conhecimento de cada um, uma criança não lê como um adulto. Sendo que um meio social pobre não lê do meu jeito que uma criança do meio social rico; nenhuma delas provavelmente lerá da mesma maneira que a professora (CAGLIARI, 2010, p. 133).

Martins (2003, p. 66), afirma que há duas concepções mais usuais sobre leitura a decodificação de signos e o processo de compreensão que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos, "sendo este o mais amplo e aprofundado, visto que a leitura vai além do decifrar os sinais gráficos, mas de dar sentido a eles".

Então, ler não é só decifrar os códigos, mas também compreender de forma que tenham significado. Ler é entender, é interpretar, é comparar, é influenciar, é sentir e demonstrar o que quer e o que sabe o que pensar e o que imaginar.

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as

circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (SOUZA, 1992, p. 22).

A leitura na atualidade tem sido muito discutida, transformando-se em objeto de estudo. Conforme Zilberman (1999, p. 28), começa-se a ler desde o nascimento, quando ainda se é bebê, pois se começa a decodificar todos os sinais emitidos por todos ao redor. A leitura se dá através dos livros, do aprendizado em sala de aula, e da forma a prática do dia-a-dia, pois desde o nascimento se aprende a fazer leitura do meio em que está inserido.

Nesse sentido, é possível afirmar que o processo de alfabetização inicia-se quando se escuta uma cantiga, quando se ouvi-se a voz carinhosa de quem afagam, quando se manuseia um livro, começando-se a fazer interpretações do espaço e das pessoas ao redor.

Aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende em bancos da escola, outras leituras geralmente se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do vô das arribações que indicam a seca – como sabe quem lê Vidas secas de Graciliano Ramos – independe da aprendizagem formal e perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros (LAJOLO, 1994, p. 7).

Nesse sentido, ressalta-se a importância da leitura desde o nascimento, a partir da leitura por parte dos pais que fariam leituras no ambiente do lar e que mais tarde, na idade escolar, incentivarão seus filhos e habituar-se com a leitura, promovendo contato com obras de diversos gêneros às crianças pequenas, garantido o desenvolvimento do gosto pela literatura desde cedo.

Enfatiza-se, com base no exposto até então, que é de fundamental importância que se tenha desde a infância hábitos de leitura. A história da leitura faz parte da história da sociedade capitalista, onde a política valoriza e relaciona a leitura ao fator econômico. Assim sendo, o leitor de hoje faz parte da pequena parcela da sociedade que detém o poder.

A leitura, como produto de uma escola atuante e preocupada em valorizar a educação, passou a ocupar uma posição de destaque em nossa sociedade contemporânea, possibilitando ao indivíduo ascender ao mundo do conhecimento, fazendo parte da parcela que acumula o capital financeiro (ZILBERMAN, 1999, p. 35).

Para Martins (2003), o conceito liga-se ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações econômicos. Pressupõe

transformação na visão de mundo e na cultura em particular. A Leitura torna o leitor informado dos acontecimentos, sendo fonte de conhecimento e sabedoria, correspondendo ao processo contínuo de aprendizagem. O ensino e valorização da leitura permitem que os alunos consigam dominar o código escrito e outros mais elaborados.

1.1.2 Tipos de leitura

A leitura é uma atividade diretamente ligada à escrita e conforme CAGLIARI (2010, p.134), “como há vários tipos de escrita, assim também, haverá correspondentes tipos de leitura, podendo ser ouvida, vista ou falada”.

A leitura oral é feita por quem ler, dirigida as outras pessoas que também estão lendo através da audição. Então, o primeiro contato que as crianças têm com a leitura se dá através da leitura auditiva. Não existe leitura sem decifração da escrita. Se eu escrever com caracteres japoneses, gregos, ou cirílicos, não será possível alguém ler o texto se não for capaz de decifrar a escrita (CAGLIARI, 2010, p.139).

A leitura oral, falada ou ouvida, processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além de por em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da fala para a decodificação do texto, precisa por em ação os mecanismos de decifração da escrita.

Conforme Ferreira (2011, p. 13), a leitura pode ser decifratória, vocal e mental fonológica, ideográfica Integral, seletiva e produtiva. A decifratória e automática compreende a atenção de quem está, por exemplo, sendo alfabetizado ou aprendendo uma segunda língua, enquanto que a automática “é aquela em que se emprega pequeno esforço na decifração”. A leitura vocal diz respeito à recitação com entoação e até o murmúrio. “A leitura mental “pode simular uma recitação a plena voz ou se afastar disso rumo a uma leitura mais rápida que foge da entoação”. A fonológica é praticada tanto verbal como mentalmente e a ideográfica remete ao significado.

A fonológica é a tradução de um código visual para um código acústico. O signo visual é convertido em fonema, palavra, frase. Na leitura ideográfica ou visual, o signo visual, que é grafemático, é captado como signo visual remetendo ao significado sem a passagem pelo linguístico (FERREIRA, 2011, p. 13).

A leitura Integral e seletiva - é feita palavra por palavra, linha a linha, sem qualquer pretensão, na leitura seletiva se tem objetivos estabelecidos previamente, "como encontrar palavras-chave e elementos de seu interesse". A Leitura produtiva - é rápida, com boa compreensão, dispensa releituras.

Para isto acontecer há fatores relacionados à leitura e fatores externos a ele que são: fisiológicos: acuidade visual. Psicológicos: atenção, motivação, estado emocional, tendência à réplica, bloqueios psicológicos, intelectuais: divagação, preconceitos, egocentrismo, atitude crítica, ambientais: iluminação, conforto, ausência de ruídos e metodológicos: abrangência da zona nítida, automatismo, mentalização, leitura visual, leitura seletiva. (FERREIRA, 2011:14)

Martins (2003) aponta que o ato de ler apresenta-se em três níveis de leitura: sensorial emocional e racional, de forma inter-relacionada. A leitura sensorial, por exemplo, diz respeito a visão, tato, audição, olfato e paladar. Começa muito cedo e acompanha o indivíduo por toda a vida.

Vale-se do aspecto lúdico: as imagens, cores, texturas, volume, o material, de forma a, em primeira instância, agradar os sentidos, revelando um prazer singular. Poder-se-ia exemplificar para a leitura sensorial os livros de história infantis, para crianças não alfabetizadas, primeiro passo na escola para a formação dos futuros leitores e, mais à frente, livros, de fábulas, com contos e lendas e ainda os gibis que tanto se valem das imagens e das onomatopéias. Para os adultos há preocupação com status letrado, a aparência, encadernação, textura do papel, a brochura etc. (MARTINS, 2003, p. 66)

A leitura emocional provoca a alegria ou a sensação de se estar deprimido, desperta a curiosidade, estimula fantasias e também, provoca descobertas. É forma prazerosa e eficaz para despertar o hábito da leitura.

Pode formar leitores de nível elevado, que abre a mente e possibilidades para outras leituras do campo da objetividade. Por conta de incitar fantasias, libertando emoções, amenizando ou ressaltando frustrações diante da realidade levando a outros tempos e lugares, imaginários ou não. A leitura emocional muitas é discriminada e inferiorizada pelo seu grau de subjetividade e do público que eficazmente atinge pelo apelo sentimental que verossímil contido nas fotonovelas, romances populares e outros. (MARTINS, 2003, p. 63)

A leitura racional é aquela que desperta reflexões promovendo uma interação entre o leitor e sua bagagem de conhecimento. Afirma Martins (2003, p.65) que a leitura racional é mais valorizada pela intelectualidade nela contida e mantida pela

elite, “pressupondo certo grau de educação formal, cultura e erudição, por tal não se direciona ao alcance de um maior número de leitores”.

A autora exemplifica como leitura racional os textos teóricos, documentários e clássicos da literatura erudita. “Ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a recordação do mundo objetivo, possibilitado no ato de ler, atribuir significado ao texto ao questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais” (MARTINS, 2003, p. 67)

Neste sentido, em um texto podem existir vários níveis de leitura. Sensorial que transmite sensação, a emocional que tem como objetivo emocionar o leitor, provocando sentimentos de sofrimento ou de alegria e a racional que leva o leitor à crítica do conteúdo da leitura.

Em relação aos conceitos de leitura e escrita, pode-se dizer que, tomando por base as ideias de Soares (2010, p. 46), “de forma sintética”, ler é atribuir significado a um texto, é saber interpretar a ideia escrita “e correspondentemente”, escrever é interagir através de um texto, é produzir uma ideia com significado e função definidos.

O ato de ler é o elemento do cidadão completo, que compreende o mundo e o transforma por meio de atitudes. É contextualizar textos dando sentido a eles. É ler tudo o que já foi escrito contos, jornais, bula de remédio, letreiros, poemas e narrativas para ser capaz de interagir com os diversos tipos de leitura: visual, sensorial, sonora etc.

Complementa-se pensamento acima compreendendo-se que, conforme Freire (1981, p. 12), “devemos ler sempre e seriamente livros que nos interessem, que nos ajudem na mudança da nossa prática, que possamos realmente ler, procurando nos aprofundar nos textos”.

Mais cedo ou mais tarde a leitura se efetiva na vida de cada um, desde que se queira realmente ler. À medida que se desenvolve as capacidades sensoriais, emotivas e racionais também se desenvolve a leitura de forma a ser compreendida e efetivada, preenchendo uma lacuna na vida do leitor, utilizando técnicas para o jeito e gosto de cada um.

2 O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS

2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DEFINIÇÕES

Alfabetização geralmente é entendida como o ato de conhecer o alfabeto, se ocupando da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo. Desta forma então, alfabetizar é tornar alfabetizado, ensinar a ler e a escrever. No entanto, esse conceito é muito mais amplo e complexo, pois saber ler e escrever, ou seja. Alfabetizar-se, não é suficiente para a cultura escrita, pois envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem.

O processo de alfabetização não se resume apenas na aquisição das habilidades de codificação e decodificação do ato de ler. Engloba as capacidades de interpretar, compreender, criticar, resignificar e produzir conhecimento.

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo. E aprender a ler e escrever é antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1996, p.8).

Conforme Soares (2002, p.12), a partir da década de 80 estudos sobre a língua escrita trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização não é apenas apropriação de códigos pois envolve um processo de elaboração de hipóteses e representação lingüística. Houve a necessidade então de se falar em letramento, principalmente entre os lingüistas que refletiam sobre algo mais amplo e determinante, além da alfabetização.

O letramento aparece como um termo para nomear fenômenos diferentes de alfabetização, sendo usado em vários enfoques para questões quanto à escrita. Para (TFOUNI, 1995, p. 20), o letramento passou a ser esclarecido e entendido com o que "focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade".

"Letrado" poderia ser, então, o sujeito - criança ou adulto - que, independentemente de (já) ter ido à escola e de ter aprendido a ler e escrever (ter sido alfabetizado), não e ou compreendesse certas estratégias próprias de uma cultura letrada. (KLEIMAN, 1995, apud MELLO, 2004, p. 26).

Letrado também pode ser o estado ou condição do sujeito que não sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a leitura e a escrita, exercendo as práticas sociais que circulam na sua sociedade. É considerado iletrado o sujeito alfabetizado que mesmo alfabetizado não domina as práticas sociais da leitura e da escrita. Exemplifica Soares (2007, p. 57) que “aprender ou não a ler e escrever não equivale a aprender uma técnica ou um conjunto de conhecimentos”.

Há ainda aquele indivíduo que, mesmo tendo escolarização ou sendo alfabetizado, possui um grau de letramento muito baixo, ou seja, é capaz de ler e escrever, mas tem dificuldade ao fazer o uso adequado da leitura e da escrita, não possuindo habilidade para essas práticas, não sendo capaz de compreender e interpretar o que lê assim como não conseguindo escrever cartas ou bilhetes (SOARES, 2007, p. 13).

O letramento é um fenômeno social que põe em evidência as características sociais e históricas, pois o resultado da ação de ensinar e/ou de aprender a ler e escrever e divide a alfabetização e letramento também afirma que o letramento é um processo sócio histórico.

Em uma sociedade letrada, as práticas sociais influenciam todos os indivíduos de uma dada sociedade de maneira pessoal, particular. Entretanto, o letramento focaliza aspectos sócio-históricos e aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, tendo por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é fazendo parte, portanto do social (TFOUNI, 2001, p. 78).

Alfabetizar letrando é o mais viável, pois a prática do letramento vai além de métodos de alfabetização, não se detém as suas técnicas, pois dá significado ao que se lê e se escreve. O aluno precisa encontrar os usos sociais da leitura e da escrita. A alfabetização e o letramento promovem a socialização, possibilitando o acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais. A alfabetização é um fator que representa o primeiro passo para o exercício da consciência da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

O método mais antigo de se alfabetizar partia do alfabeto para a soletração e silabação, seguindo uma ordem crescente de dificuldades desde a letra até o texto. Segundo Cagliari (1998), quando se começa a fazer testes de maturidade psicológica com as crianças na década de 30, surge a importância do método

iniciado com a Cartilha Maternal, seguida da Cartilha do Povo (1928) e o famoso Teste ABC (1934), combinando a Estatística à Psicologia para criar uma técnica de avaliação de habilidades e prever as possibilidades de aprendizado.

Em 1948 a cartilha Caminho Suave segue os métodos alfabéticos, também conhecidos como silábicos, no qual se aprende primeiro as letras do alfabeto, depois a formar sílabas, palavras para se começar a ler frases curtas, depois orações, até poder ler o livro sozinho.

As cartilhas escolares, até a década de 50, davam muita importância à leitura e ao ensino do abecedário. O método fônico para ser introduzido logo no início da alfabetização, indicado para crianças mais jovens. Neste a alfabetização que dava ênfase ao ensino dos sons das letras.

O método das cartilhas não leva em consideração o processo de aprendizagem. Quando diz que faz a verificação da aprendizagem através de ditados, provas, etc., na verdade, está verificando não se o aluno aprendeu ou não, mas se o aluno sabe responder ao que o professor pergunta reproduzir um modelo que lhe foi apresentado, demonstrar que o professor ensinou direito. O que se passa na mente do aluno e as razões pelas quais ele faz ou deixa de fazer algo são coisas que o método não permite que o aluno manifeste. (CAGLIARI, 1998, p.66).

O educador Paulo Freire também criticou o sistema de utilização de cartilha para o ensino da leitura e da escrita. Propôs o processo que se iniciava pelo levantamento do universo vocabular dos alunos através de conversas informais. Ele observando as palavras mais usadas pelos alunos e assim seleciona as que serviriam de base para as lições.

No início de década de 80, os resultados da pesquisa pioneira de Emília Ferreiro descreveram a psicogênese da língua escrita a partir de Piaget, alterando fundamentações teóricas do processo ensino/aprendizagem da escrita, trazendo preocupação de "como se ensina" para "como se aprende" a ler e a escrever.

Segundo Soares (1980 apud BRASIL, 2007, p.11) a alfabetização foi classificada em três tipos nos meados dos anos 80. Para o primeiro tipo estaria alfabetizado quem pudesse reconhecer o alfabeto, lendo sílabas ou palavras isoladas. Para o segundo somente seria considerado alfabetizado quem pudesse compreender o que escrevia e interpretasse o significado. A terceira concepção acreditava que a alfabetização "dependia de características culturais, econômicas e tecnológicas", ou seja, "para um lavrador a alfabetização teria fins e objetivos bem diferentes do que para um operário da região urbana".

Na década de 90, em alguns estados os ciclos básicos de alfabetização surgiram. A Lei de Diretrizes e Bases (1996) criou os ciclos na organização de ensino e a alfabetização passou a ser vista como um período onde a criança é levada dominar as práticas de leitura e de escrita, conforme LDB, Cap. II, Seção I, Artigo 23:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (BRASIL, 1996).

Na atualidade, utilizam-se as palavras-chave, as sílabas geradoras e os textos elaborados com as palavras já estudadas. As famílias das letras passaram a ser estudadas em uma ordem crescente de dificuldade. Em seguida o aluno inicia o livro de leitura, com dificuldades crescentes, para na sequência introduzir-se textos infantis. No entanto, mesmo com os avanços positivos, muitos alunos apresentam dificuldade em seguir o processo de alfabetização e reprovações nas séries iniciais ainda são frequentes. Mediante o exposto, percebe-se que varias modas pedagógicas invadiram as salas de aula. Certas práticas, muitas vezes, criadas pela má interpretação de princípios, trazem como, por exemplo:

- 1- Posição espontaneísta em relação ao ensino das crianças,
- 2- Ausência de intervenções pedagógicas;
- 3- Desconsideração do planejamento;
- 4- Aceitação de qualquer tipo de erro;
- 5- Deixar a criança escrever livremente, sem interferências e sem propósitos;
- 6- Trabalhar só com textos ignorando-se a importância da gramática e ortografia;
- 7- Evitar a correção ou qualquer forma de revisão;
- 8- Livros didáticos com diferentes tipos textuais, substituindo as cartilhas, mas não assegurando a realidade do educando portador nem as situações de uso;
- 9- Quadro de professores sem capacitação adequada e muitas vezes e frustrações por incapazes de mudar suas práticas.

Segundo pesquisas realizadas por Soares (2007, p. 86), durante décadas, vários estudiosos procuravam um método resultando em silábico, global, fônico, ou o método eclético, o que era um problema para a alfabetização.

Os métodos de alfabetização eram divididos em métodos tradicionais, sintéticos e analíticos (fônico, silábico, global etc.). Na prática a alfabetização parecia ter teoria, mas nenhum método. Então os educadores questionavam que método usar para a alfabetização que pudesse oferecer novas formas de aprendizagens.

As crianças são muito curiosas se envolvem com entusiasmo, para o trabalho com o letramento em séries iniciais é necessário que o educador esteja preparando para trabalhar com diferentes metodologias.

Métodos que aprendidos e utilizados em outras décadas podem ser reciclados e aprimorados. É necessário também que o educador aceite acredite que as transformações que ocorrem na sociedade moderna atingem também a escola e o conhecimento técnico do educador. É importante e necessária a busca pelo novo. Sempre tendo em mente que o conhecimento nunca se completa ou se finda.

2.3 O PAPEL DO EDUCADOR NO LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO

O professor precisa ter entendimento de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, do desenvolvimento emocional da criança, de sua interação social e da natureza da sua realidade lingüística para encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de 'brotos' do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento mental, retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento prospectivamente (VIGOTSKI, 1998, p. 113).

Compreendendo-se que é de suma importância conhecer sobre o desenvolvimento das funções psicológicas da criança, da dinâmica da aprendizagem, bem como, respeitar o conhecimento que a criança traz de casa para se entender o real significado da prática docente no cotidiano deste processo.

A decodificação é a competência central do processo de aprendizagem da leitura. Todas as outras competências estão ou associadas a ela, como pré-requisitos como no caso da consciência fonêmica e do domínio do princípio alfabético, ou como decorrência, no caso da fluência, quando a decodificação se torna dispensável pelo reconhecimento imediato das palavras. As outras competências, como vocabulário e compreensão, são independentes da leitura, mas a fortalecem e se fortalecem a medida do que aumenta a proficiência da leitura da criança (BRASIL, 1996, p. 41).

Nesse sentido, uma vez informado sobre tais competências, para que o processo de aprendizagem, e principalmente os objetivos do ensino da leitura e da escrita não sejam comprometidos, cabe ao educador trabalhar de maneira gradativa respeitando cada etapa do desenvolvimento e aquisição do domínio da leitura.

O aprendizado da leitura é uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades à medida que se vão dominando adequadamente textos escritos cada vez mais complexos. Por esses motivos, hoje está superada a posição que limitava o aprendizado da leitura à primeira série do ensino do ensino básico e à simples decodificação (CONDEMARIN, 1999, p. 47).

Alguns requisitos são essenciais para que o professor possa exercer o papel de letrador: apropriar-se de ferramentas de busca de informação, dominar a produção escrita, ser um bom leitor e ter concepções sobre o objeto de conhecimento.

Para ser capaz de letrar seus alunos é preciso o professor conheça o processo de letramento, no que se refere à organização de práticas de ensino-aprendizagem que provoquem o desenvolvimento. É preciso compreender o aprendizado da escrita, interpretando os erros ortográficos das crianças na alfabetização, como crescimento potencial da escrita.

O ato de educar não é uma doação de conhecimento do professor aos educados, nem transmissão de idéias, mesmo que estas sejam consideradas muito boas. Ao contrário, é uma contribuição "no processo de humanização". Processo este de fundamental papel no exercício de educador que acredita na construção de saberes e de conhecimentos para desenvolvimento humano, e que para isso se torna um instrumento de cooperação para o crescimento dos seus educados, levando-os a criar seus próprios conceitos e conhecimento. (FREIRE, 1990 apud PEIXOTO et al, 2004).

O educador alfabetizador é aquele que tem uma postura ativa e atua o tempo todo encorajando os seus alunos a se lançarem na ousadia de aprender sem ter medo de errar. Ele observa a ação da criança, acolhe suas produções, e intervém quando e necessário. Esse educador tem que estar sempre junto para dar suporte ao desenvolvimento das aptidões e criatividade dos alunos.

Por outro lado, aquele aluno que tem seu espaço para revelar suas hipóteses, através de sua iniciativa, em trabalhos escolares, parece, no começo, em meio a um enorme caos. Mas, aos poucos, vai aprendendo a organizar seus conhecimentos e a adequá-los à realidade e, aos poucos, tudo vai achando seu lugar e sua razão de ser, de tal modo que esse aluno acaba aprendendo não só o que deve, em termos de conteúdo, mas também aprende a aprender: aprende como ele, do jeito que é, deve fazer para construir seus conhecimentos. A escola precisa se preocupar antes com a aquisição do processo de aprendizagem e depois com os resultados obtidos pelas crianças (CAGLIARI, 1998, p. 66).

O interesse, a curiosidade, o prazer da leitura, a necessidade de saber que idéias e sentimentos a experiência da leitura provoca no leitor, só ocorrerá se o texto já começar com um tema intrigante, questionador e desafiador. E para que isso ocorra será necessário que o educador trabalhe com textos apropriados a realidade de seus alunos e que as dificuldades e complexidades dos textos sejam trabalhadas gradativamente.

O aprendizado da leitura é uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades à medida que se vão dominando adequadamente textos escritos cada vez mais complexos. Por esses motivos, hoje está superada a posição que limitava o aprendizado da leitura à primeira série do ensino do ensino básico e à simples decodificação (CONDEMARIN, 1999.p. 47).

Para que o educador leve ao desenvolvimento das habilidades necessárias acima citadas propõe uma pedagogia de facilitação, problematizando o conhecimento, transformando-o num desafio que propicie o a aprendizagem.

Assim o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos que a formação e a transformação não se dão por um passe de mágica, mas com muito trabalho e dedicação constante.

O educador que se dispõe a exercer o papel de "professor-letrador" considera que o papel do professor, na alfabetização durante a trajetória do aluno e dar suporte para que o mesmo possa apropriar-se da escrita nas interações com diferentes interlocutores (mediadores).

2.4 DIFICULDADES COM A LEITURA E COM A ESCRITA

As dificuldades de aprendizagem podem ser específicas, apresentando problemas, por exemplo, com a escrita, ou com a aprendizagem mais lenta que o normal em determinadas atividades. A leitura e a escrita são habilidades importantes

para o desenvolvimento integral e para a formação do cidadão. Suas dificuldades tornam-se mais facilmente constadas no início da escolarização. Poderia se dizer que a maior dificuldade que os alunos têm enfrentado é principalmente com a alfabetização.

As dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento na área da leitura e da escrita podem ter varias causas: orgânicas, entre elas, deficiências visuais e auditivas, deficiências motoras, deficiências intelectuais, enfermidades, desajustes emocionais como ansiedade, insegurança, as sócio-culturais que podem compreender desnutrição, marginalização ou discriminação e falta de estímulo da família.

Quanto a uma criança disléxica, por exemplo, Myklebust (1997) demonstra sérias dificuldades com a identificação dos símbolos gráficos no início da sua alfabetização, o que acarreta fracasso em outras áreas que dependem da leitura e da escrita.

É um distúrbio de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. Em geral, a criança tem dificuldade em aprender a ler e escrever, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia. A criança disléxica apresenta dificuldade para escrever números e letras corretamente; ordenar as letras do alfabeto, meses do ano e sílabas de palavras compridas; distinguir esquerda e direita. É um tipo de distúrbio, de dificuldade específica na aprendizagem da leitura, ocorrendo mesmo quando a criança apresenta inteligência normal e recebe estimulação e ensino adequados (MYKLEBUST, 1997:83 apud BARBOSA, 2011, p. 17).

Ressalta ainda o autor que devido à falta de informação dos pais e dos professores "a dislexia só vai ser diagnosticada quando a criança estiver na primeira ou segunda série do Primeiro Grau". A dislexia precisa ser identificada para que o aluno seja ajudado pelos professores na sala de aula. São considerados sintomas da dislexia "inversão e omissões de sílabas, a acumulação e persistência de seus erros de soletração e ortografia.

Outra dificuldade com leitura e escrita se dá por conta da memória. Segundo Condemarin (1987, p. 23), "a memória é tudo o que serve de fundamento ou apoio de tudo, o tempo durante o qual um ser existe, desde o princípio". É um processo complexo do cérebro humano. É a capacidade de armazenar e processar informações, criando conexões e permitindo a lembrança de pessoas, dados, como também, de conteúdos escolares. Nesse sentido, a memória deve ser trabalhada impulsionada para que haja aprendizagem.

Ressalta-se, entre as muitas possibilidades negativas para a aprendizagem da leitura escrita as causas pedagógicas que dizem respeito a métodos inadequados de ensino, falta de estimulação dos requisitos necessários à leitura e à escrita; falta de percepção, por parte da escola, do nível de maturidade da criança, iniciando uma alfabetização precoce; relacionamento deficiente entre professor e aluno, falta de domínio do conteúdo por parte do professor e ainda a superlotação das salas de aula.

3 ESTUDO DE CASO ESCOLA DA COMUNIDADE JARDIM DO OURO

3.1 METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA

Partindo-se de experiência profissional na Escola Comunidade Jardim do Ouro é possível afirmar que esta apresenta problemas quanto à questão de ensinar para as crianças das séries iniciais a ler e escrever, necessitando de um estudo e reflexão sobre estratégias para estimular a leitura e a escrita.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental localiza-se no Km 20 da Rodovia Transgarimpeira (comunidade Jardim do Ouro), a 350 km do município de Itaituba.

Segundo dados fornecidos pela secretaria da mesma foram fundadas no ano de 1987 na administração do presidente Sr. Adalton, com o funcionamento de Ensino Fundamental multiseriado de 1ª a 4ª série, com turmas no total de 180 alunos nos turnos matutino e vespertino.

Contava na época com três professoras, as senhoras Constância Rodrigues Costa, Marinalva de Abreu e a professora Silvia. Segundos relatos orais da direção estas, entre outros, muito se empenharam e enfrentaram muitas dificuldades pela Escola do Jardim do Ouro.

Enaltece-se também o saudoso Sr. Joaquim Modesto que na sua administração muito se doou para garantir a permanência de dos professores na comunidade, bem como o Sr. Antônio Cardoso e comunidade em geral, participantes de mutirão para erguer a escola. (sic a professora responsável, novembro/ 2011)

Atualmente a Escola tem no seu corpo discente 255 alunos distribuídos em Educação Infantil e Ensino Fundamental de 9 anos. A direção da escola é representada pela professora responsável Maria Madalena dos Santos Costa. O quadro funcional conta com 19 pessoas sendo estas: 1 auxiliar administrativo, 2 merendeiras, 2 vigias e 2 auxiliares de serviços gerais.

Os professores são: Osmano Luiz Pereira, Maria Madalena dos Santos Costa, Antônio Souza Moraes, Edilene Marques da Cunha, Maria Beijanete Pereira Santos, Edilene Neris da Cruz, Francisco das Chagas de Jesus, Ivanilde Araújo dos Santos, Polyana Regina Lopes e Simone Ribeiro da Silva.

O pessoal de apoio conta com Alexandrina Costa de Oliveira, Andréia Lopes de Freitas, Francisca Helena Lira Santos, Maria da Consolação Santos Almeida, Marcela Bonfim Cotunda, Sebastião Araujo Silva e Antonio de Jesus. Atualmente a

escola possui 6 salas de aula, 1 minibiblioteca, 1 secretaria, 1 cozinha e 2 banheiros. Está funcionando em três turnos: matutino (Jardim I, 1º, 2º, 3º e 4º anos), vespertino (maternal, Jardim II e 6º, 7º, 8º e 9º ano), e noturno (EJA personalizado)

3.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A Metodologia da pesquisa valeu-se de entrevistas com professores de séries iniciais e de análise da ficha de desempenho escolar de alunos do 1º e do 2º ano da referida escola.

A ficha de desempenho escolar permite a construção de um diagnóstico do sistema de ensino, relevando os saberes construídos pelos alunos nos bimestres do percurso escolar anual. É feita, principalmente, por meio de observação em relação à participação, ao interesse e ao desempenho na realização das atividades de cada educando considerando-se sempre os avanços individuais de aluno.

As fichas de desempenho escolar funcionam como instrumento diagnóstico quanto aos problemas relacionados entre outras áreas, a leitura e escrita. Permitem induzir às ações, redirecionando trajetórias para garantir uma educação de qualidade, gerar ações voltadas para a correções e adaptações implicando ações motivadoras.

3.3 FICHAS DE DESEMPENHO ESCOLAR DO 1º ANO

Foram analisadas as fichas de desempenho escolar (2010) de 18 alunos do 1º ano da Escola do Jardim do Ouro.

Questão1: Reconhece e escreve o nome?

Todos os 18 alunos reconhecem e escrevem seus nomes. Nenhuma criança chega à escola ignorando totalmente a língua escrita.

O reconhecimento inicial de nomes é feito por observação, por meio do da participação e do interesse considerando-se o desempenho e avanços individuais do aluno.

A criança em fase de alfabetização A decodificação é a competência central do processo de aprendizagem da leitura. Todas as outras competências estão ou associadas a ela, como pré-requisitos como no caso da

consciência fonêmica e do domínio do princípio alfabético, ou como decorrência, no caso da fluência, quando a decodificação se torna dispensável pelo reconhecimento imediato das palavras. As outras competências, como vocabulário e compreensão, são independentes da leitura, mas a fortalecem e se fortalecem a medida do que aumenta a proficiência da leitura da criança (BRASIL, LDB, 1996, p.41).

Vale ressaltar que não há problema em se iniciar a alfabetização já na Educação infantil, desde que isso ocorra através do lúdico e com atividades coerentes a esta faixa etária, mas, não se deve querer que o aprendizado aconteça antes que realmente seja possível.

Questão 2: Identifica o nome dos colegas e do professor?

Todos os 18 alunos identificam e reconhecem o nome dos colegas e do professor.

No processo de iniciação à construção da habilidade da leitura e da escrita ressaltam-se os resultados de vivências externas. A criança assimila selecionando informações disponíveis em sua bagagem para interpretar a escrita antes de compreender a relação entre as letras e os sons da linguagem.

Questão 3: Identifica palavras chaves em pequenos textos?

No primeiro bimestre se poderia dizer que a turma era franca, pois somente 36% das crianças identificavam palavras chaves em pequenos textos, enquanto a grande maioria de 64% não as identificava.

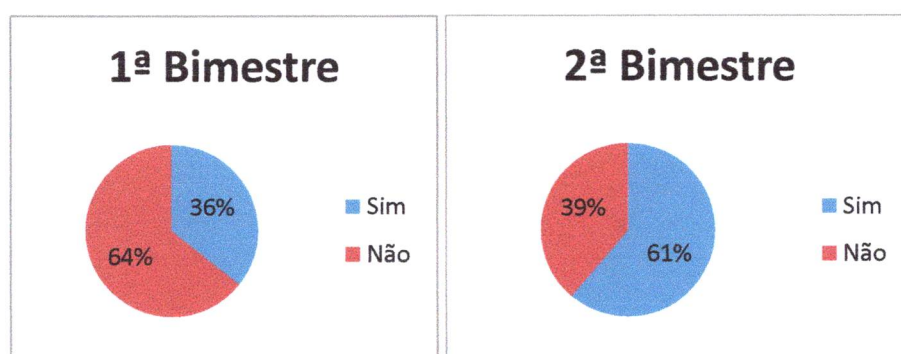


Gráfico 1 – Identifica palavras chaves em pequenos textos? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

No segundo bimestre o resultado foi totalmente oposto e positivo demonstrando que uma minoria de 39% ainda não as reconhecia, enquanto a

maioria de 61% passou a reconhecer as palavras chave. Estes resultados talvez justifiquem-se pelo fato da alfabetização inicial dizer respeito ao método utilizado e ao estado de maturidade da criança.

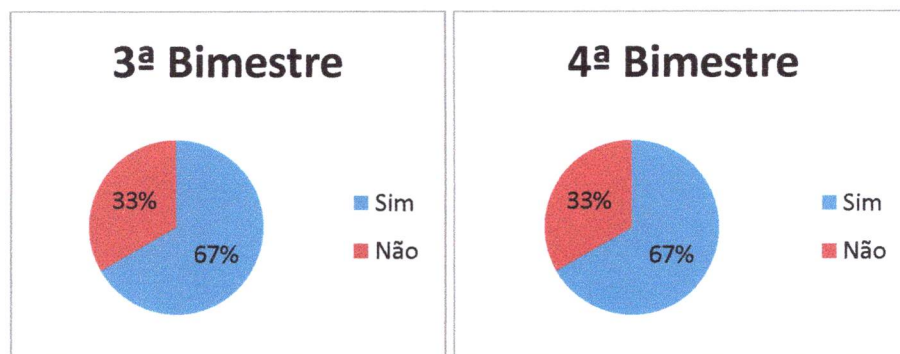


Gráfico 2 – Identifica palavras chaves em pequenos textos? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

No terceiro e no quarto bimestres 33% dos alunos ainda não reconheciam as palavras chaves em pequenos textos, enquanto 67% as reconheciam. Os dados demonstram que a classe manteve um nível de desenvolvimento constante de alfabetização.

Vale ressaltar que os 33% de resultado negativo poderia ser analisado a partir da reflexão quanto ao fato de que o processo de aprendizagem envolve quem ensina e quem aprende, levando-se em conta a relação objeto de conhecimento e a individualidade de cada aluno.

A criança precisa ser colocada no centro do ato da questão alfabetização, como o sujeito ativo e inteligente, dando-se a real importância a como se aprende.

Questão 4: Relaciona nomes a figuras?

As 18 crianças relacionam nomes a figuras. Ressalta-se que a própria invenção da escrita foi um processo histórico de representação, sendo esta uma representação gráfica da linguagem.

A decodificação é a competência central do processo de aprendizagem da leitura. Todas as outras competências estão ou associadas a ela, como pré-requisitos como no caso da consciência fonêmica e do domínio do princípio alfabético, ou como decorrência, no caso da fluência, quando a decodificação se torna dispensável pelo reconhecimento imediato das palavras. As outras competências, como vocabulário e compreensão, são independentes da leitura, mas a fortalecem e se fortalecem a medida do que aumenta a proficiência da leitura da criança. (BRASIL, LDB, 1996: 41).

Nesta fase inicial a criança é insegura e seu mundo é fantasioso, o que é próprio do seu desenvolvimento que devem ser respeitadas. Para isso deve-se propiciar a criança o maior acesso possível a livros, revistas e jornais. Tudo bem ilustrado e colorido.

Questão 5: Participa ativamente nas discussões em grupo?

Todas as 18 crianças participaram ativamente nas discussões em grupo, partindo do fato de que quem lê está em contato com as idéias de quem escreve e com o pensamento de uma ou de várias pessoas, recorrendo ao que já conhece sobre o assunto para criticar ou até mesmo para concordar.

Questão 6: Conta histórias e fatos ocorridos?

Todas as 18 crianças, durante os quatro bimestres letivos contavam histórias de fatos ocorridos. Para tal é necessário o entendimento de que o processo ensino/aprendizagem nas séries iniciais necessita de iniciativas que possam estimular pesquisas, debates e troca de experiências dos educadores.

Questão 7: Faz perguntas sobre assuntos diversos?

Nos quatro bimestres a classe toda (18 alunos), fazia perguntas sobre assuntos diversos, compreendendo-se que o uso de diferentes linguagens é o que permite ao indivíduo comunicar-se e compreender idéias, sentimentos e a organizar seu pensamento.

O desenho, a brincadeira, a pintura, a linguagem corporal, dentre outras, são formas de linguagem que lhe permitem o acesso aos símbolos e signos culturais e a possibilidade de construção de novos símbolos e signos que orientarão seu comportamento, sua maneira de ver, sentir e viver.

Questão 8 - Faz uso dos diferentes tipos de letras do alfabeto?

A análise das fichas de desempenho escolar dos 18 alunos atesta que estes faziam uso dos diferentes tipos de letras do alfabeto, a saber, que há grande diferença entre codificar e representar para a ação alfabetizar.

A criança lê vagarosamente, mas o que ela está fazendo é decodificar, um processo muito diferente da leitura, embora as habilidades necessárias para a decodificação (conhecimento da correspondência entre o som e a letra) sejam necessárias para a leitura (KLEIMAN, 2007, p. 37).

É importante ressaltar que na aprendizagem do alfabeto, ou seja, na fase inicial da alfabetização é necessário trabalhar as necessidades do aluno para que ele possa conhecer e saber identificar os nomes das letras.

Questão 9: Escreve palavras simples?

É importante que o educador intere-se do trabalho realizado por Emília Ferreiro ao realizar várias pesquisas com crianças de diversas faixas etárias e de diferentes procedências sociais, familiares e de diferentes situações educativas no que diz respeito a psicogênese da leitura e da escrita nos processos cognitivos, que levam a criança a ler e escrever.

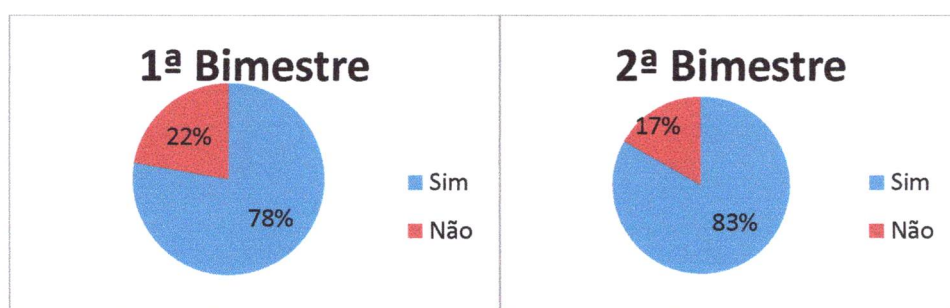


Gráfico 3 – Escreve palavras simples? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Entre o primeiro e segundo bimestre percebe-se uma melhora de 5% na habilidade de escreverem palavras simples.

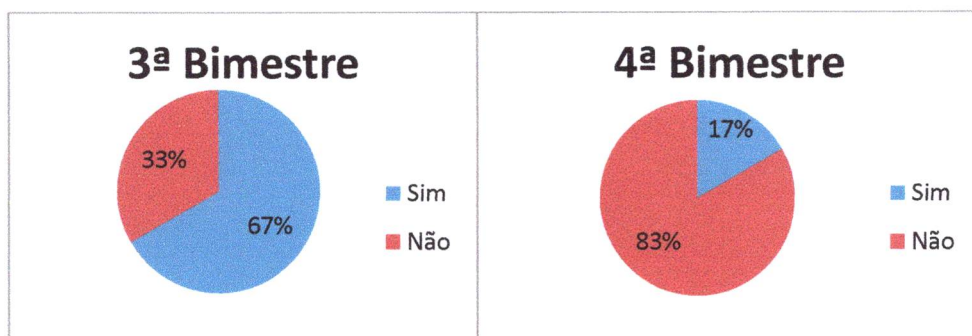


Gráfico 4 – Escreve palavras simples? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Entre o terceiro e quarto bimestre esta melhora correspondeu a 16%, reduzindo- e o percentual de alunos com as dificuldades em escrever palavras simples também em 16%.

Questão 10: Distingui diferentes tipos de letras?

A criança reinventa o sistema de representação de linguagem as dificuldades que as crianças enfrentam são dificuldades conceituais semelhantes às da construção. Não é reinventar as letras ou os números, mas compreender seu processo de construção e suas regras de produção.

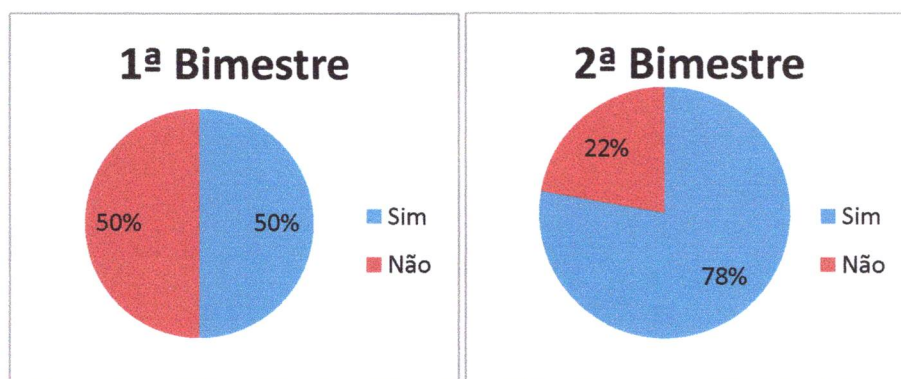


Gráfico 5 – Distingui diferentes tipos de letras? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

No quesito distinguir diferentes tipos de letras, no primeiro bimestre metade da turma distinguia, enquanto a outra metade não. O que seria preocupante. No entanto no segundo bimestre houve uma sensível melhora nesta habilidade mostrando um aumento de 28% no resultado positivo e uma diminuição do negativo em 27%.

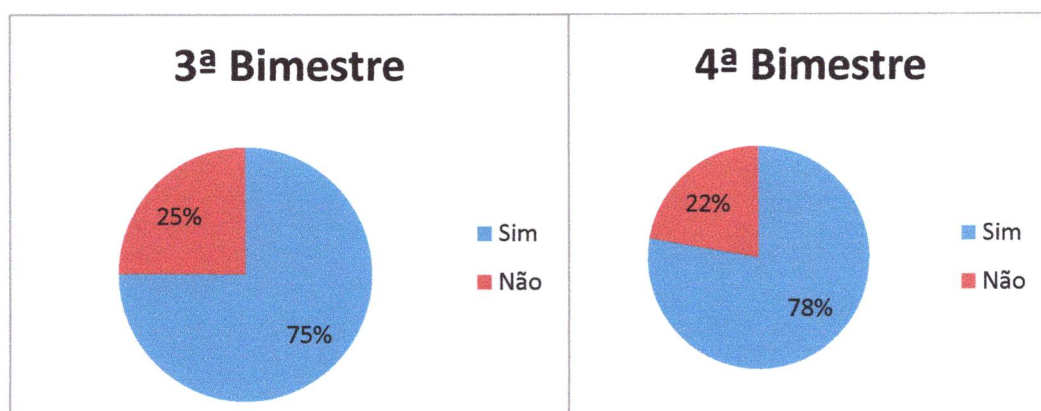


Gráfico 6 – Distingui diferentes tipos de letras? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

No terceiro bimestre 25% dos alunos não distinguem os diferentes tipos de letras, com a pequena melhora neste quadro no quarto bimestre com a diminuição do número de alunos com esta dificuldade para 22%.

Aqueles que distinguem os diferentes tipos de letras no terceiro bimestre era de 75% e no quarto aumentou para 78%, ou seja, demonstrando uma melhora de 3% na averiguada habilidade das crianças.

Questão 11: Em que nível da escrita a criança se encontra?

Quadro 1 – Em que nível se encontra?

Bimestres	1º	2º	3º	4º
Pré-silábico I	18			
Pré-silábico II		18	18	
Silábico				18
Silábico alfabético	-	-	-	-
Alfabético	-	-	-	-

No decorrer dos quatro bimestres do ano letivo os 18 alunos mantiveram-se no mesmo nível da escrita, ou seja, pré-silábico I, no primeiro bimestre, pré-silábico II e silábico no segundo e terceiro bimestres e silábico alfabético no quarto bimestre. Não atingiram os níveis silábico alfabético e alfabético.

3.4 FICHAS DE DESEMPENHO ESCOLAR DO 2º ANO

Foram analisadas 12 fichas de desempenho escolar de alunos do 2º ano (2010) da escola Jardim do Ouro.

Questão 1: Reconhece e escreve o próprio nome?

Conforme os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 2001:95), para avaliar seguindo os critérios estabelecidos “é necessário considerar indicadores bastante precisos que sirvam para identificar de fato as aprendizagens realizadas”. No entanto, “é importante não perder de vista que um progresso relacionado a um critério específico que pode manifestar-se de diferentes formas, em diferentes alunos”.

Os 12 alunos reconhecem e escrevem o próprio nome. Vale ressaltar que a avaliação do desempenho escolar dos alunos é de suma importância por ser uma forma de monitoramento de ação de ensino.

Questão 2: Identifica o nome dos colegas e do professor?

Este questionamento se direciona a observação de requisitos necessários para a alfabetização, ao conjunto de habilidades de prontidão que as crianças se apropriam gradativamente para a alfabetização. Os 12 alunos identificam o nome dos colegas e do professor.

Questão 3: Identifica palavras chaves em pequenos textos?

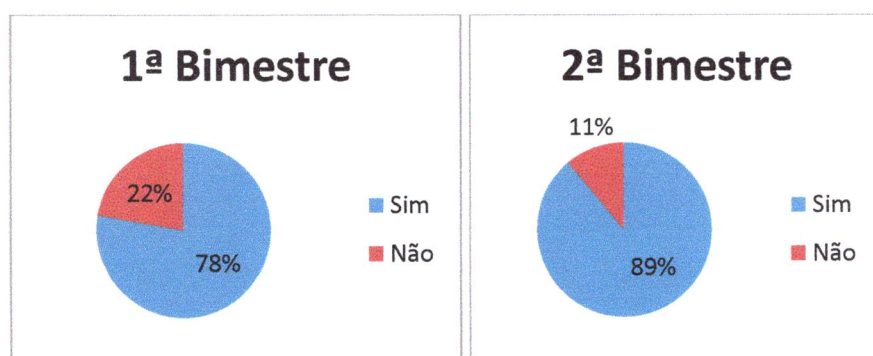


Gráfico 7 – Identifica palavras chaves em pequenos textos? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Houve avanço positivo de 11% nesta habilidade do primeiro para o segundo bimestre e também de 11% de decréscimo da porcentagem de alunos com dificuldades.

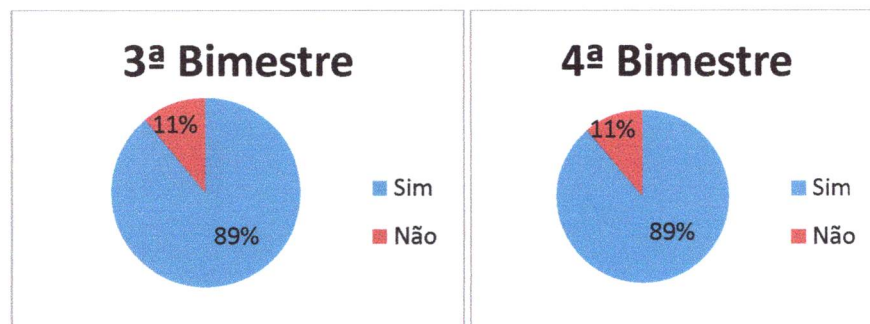


Gráfico 8 – Identifica palavras chaves em pequenos textos? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

No terceiro e quarto bimestre percebe-se que o nível de aprendizado no manteve-se bom e estável com porcentagem de 89% de alunos que identificam palavras chaves em pequenos textos, enquanto que somente 11% enfrentam dificuldade.

Não cabe somente ao professor ensinar essa tarefa estritamente escolar às crianças. Elas estariam dependendo de aprender só aquilo que o professor lhes ensina. Cabe também a família, em casa povoar os filhos de novas palavras, de incentivar à leitura e aguçar a curiosidade da descoberta do sentido de pequenos e atraentes textos.

Questão 4: Relaciona nomes às figuras?

Os 12 alunos relacionam nome às figuras. Diferenciar a atividade de desenhar da atividade de escrever é importante porque a escrita, para as crianças pequenas, recupera o que se pode desenhar o nome do objeto desenhado, com forme Ferreiro é a hipótese do nome.

Esta ideia também lhes serve para interpretar os textos que aparecem acompanhados de imagens. A escrita por si mesma não é suficiente para garantir o significado e por isso as crianças costumam desenhar antes de escrever. A imagem, por outro lado, é a que permite interpretar a escrita pelo menos como uma tentativa (FERREIRO, 2003, p.49).

Há momentos em que as crianças se desafiam, querendo explorar diferentes tipos de materiais de leitura. Portanto o educador pode lhes fornecer atividades de manusear livros, jornais e revistas, a ouvir leitura de contos, poemas, crônicas, reportagens, cartaz, folhetos, revistas em quadrinhos e brincar de ler e de escrever.

Questão 5: Participa ativamente nas discussões em grupo?

Todos os 12 alunos no decorrer do ano letivo participavam ativamente das discussões grupo. Quando a criança escreve certo conjunto de palavras como acredita estar correto, está oferecendo um valioso dado que necessita ser interpretado para ser avaliado.

Aprender a ler e escrever com fluência, bem como, interpretar é um longo aprendizado que requer mais do que o ato de ler e de escrever, mas também em muito, de exercícios orais, como discussões em grupo entre outros, partindo de atitude teórica definida por parte do professor.

Questão 6: Conta histórias e fatos ocorridos?

As 12 crianças contavam histórias de fatos ocorridos durante os quatro bimestres letivos.

Vale ressaltar que esta habilidade resulta-se de situações experimentais demonstrando que as crianças elaboram ideias próprias a respeito dos sinais escritos atribuídas à influência do meio ambiente.

Questão 7: Faz perguntas sobre assuntos diversos?

As 12 fichas analisadas afirmam que os 12 educandos faziam perguntas sobre assuntos diversos no decorrer do ano.

Ressalta-se que a habilidade de fazer perguntas relevantes e de saber onde encontrar as respostas depende do conhecimento, do tipo de material envolvido, e da finalidade específica da leitura.

Questão 8: Faz uso de diferentes tipos de letras do alfabeto?

É importante para o educando dos dias atuais repensar sobre metodologias e atitudes de outras décadas quando, primeiro o professor ensinava as letras ou sílabas escritas e seus respectivos sons.

Caso essas correspondências estivessem memorizadas as crianças seriam capazes de ler e escrever. Quando a criança não aprendia, ela é que tinha problemas de aprendizagem e em muitos casos concluí-se que ela precisava de tratamento clínico, psicológico ou psicopedagógico.

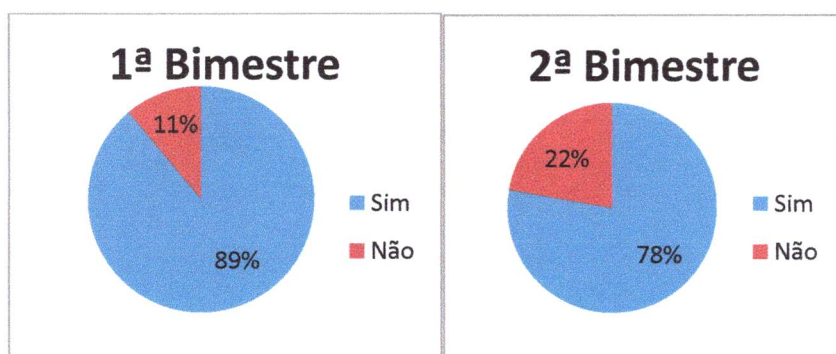


Gráfico 9 – Faz uso de diferentes tipos de letras do alfabeto? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

A utilização dos diferentes tipos de letras do alfabeto pelos 12 alunos se apresentou de forma um pouco curiosa, visto que no segundo bimestre esta habilidade decaiu de 89% para 78%, ou seja, 11%, assim como o percentual de dificuldade também aumentou de 11% para 22%.

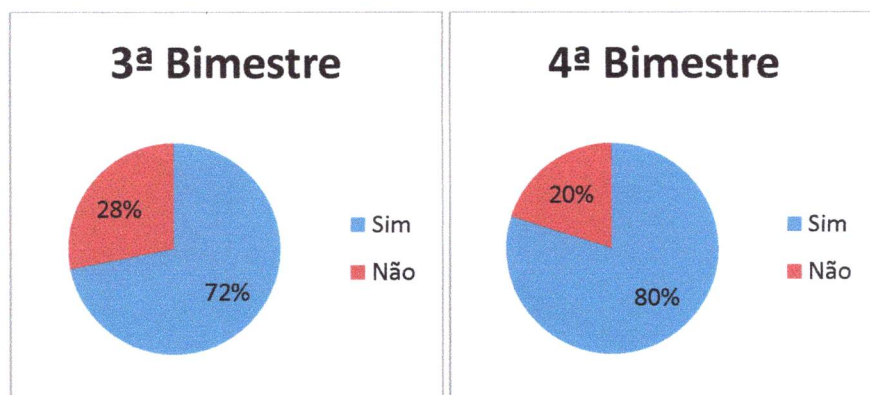


Gráfico 10 – Faz uso de diferentes tipos de letras do alfabeto? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Quanto ao terceiro e quarto bimestres as fichas de desempenho escolar demonstraram uma melhora de 8% no resultado positivo como também no negativo. Na atualidade é preciso se ter em mente que a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, através de diversos meios culturais através de períodos nos quais elas distinguem o modo de representação, a construção de formas de diferenciação e a fonetização de escrita que se inicia com um período silábico e termina no período alfabético.

Questão 9: Lê e escreve palavras simples?

Manter o processo de aprendizagem sob controle implica em reflexão, reorganização e retomado dos procedimentos de ensino determinam os passos na progressão da aprendizagem.

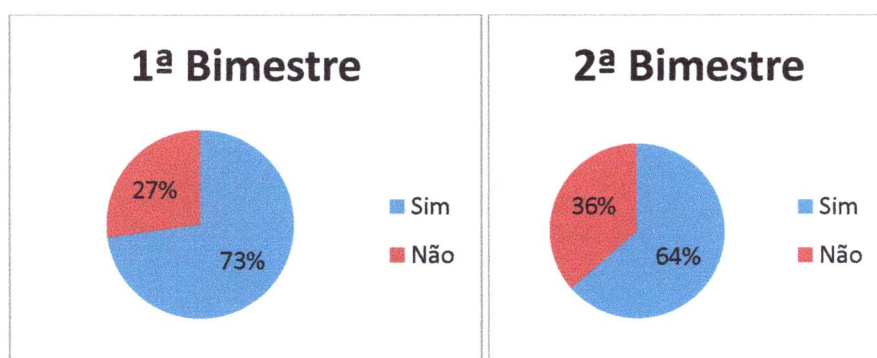


Gráfico 11 – Lê e escreve palavras simples? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Entre o primeiro e o segundo bimestre houve resultado negativo de 18% no quesito ler palavras simples.

Para desenvolver a habilidade de ler palavras simples sugere-se que primeiro a criança tenha contato com o texto. Após ler vários textos, ela perceberá que são formados por pedaços, que são as sentenças. Trabalhando com as sentenças, verá que elas se compõem de palavras.

Atividades para pintar ou colar, mimeografadas ou xerocadas, sem finalidade, bem como, trabalhar letras soltas e desconexas não promovem resultados satisfatórios

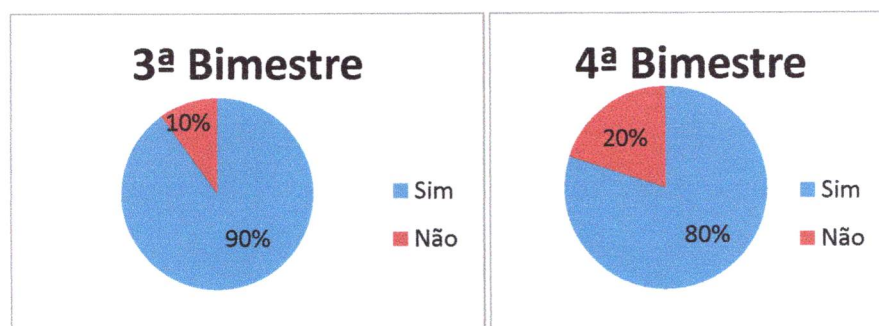


Gráfico 12 – Lê e escreve palavras simples? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

No terceiro bimestre as dificuldades com a habilidade observada diminuíram para 10% dos alunos. O resultado positivo teve melhora para 90% deles. No quarto bimestre as dificuldades aumentaram para 20% e o resultado positivo caiu para 80%.

É preciso atentar para o fato de que, conforme Ferreiro (2003), as crianças não aprendem somente por olhar e escutar, ou por ter lápis e papel à disposição, “e sim porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhes oferece”. Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças.

Questão 10: Cria histórias?

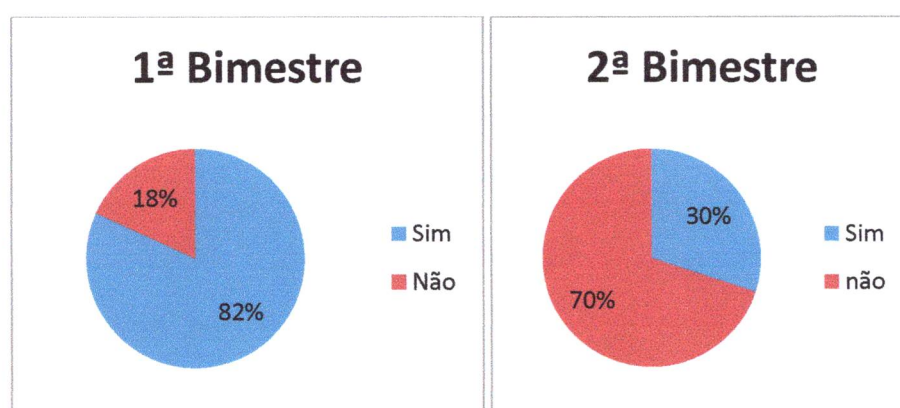


Gráfico 13 – Cria histórias? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

No primeiro bimestre 82% das crianças criavam histórias, enquanto 18% tinham dificuldade. No segundo bimestre 70 criavam história enquanto 30% apresentaram dificuldade. Seria possível talvez concluir que houvera certa inibição criativa. O que remeteria ao pensamento de Ferreiro (2003) que “um dos maiores

danos que se pode fazer a uma criança é levá-la a perder a confiança em sua própria capacidade de pensar.

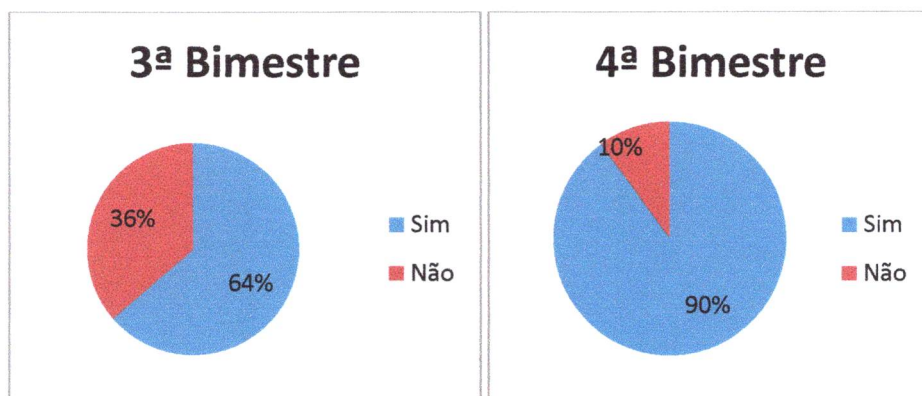


Gráfico 14 – Cria histórias? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Entre o terceiro e o quarto bimestre as dificuldades foram amenizadas em 26% e a facilidade aumentou para mais 26% dos alunos. Vale ressaltar que a criança que cresce em um meio letrado está exposta à influência de uma série de interações que precisam ser ora levadas em consideração, ora aproveitadas. Se esse aluno for repreendido durante o momento que estiver expondo alguma coisa que ele mesmo produziu e não teve apoio, ficará limitado. Nesse momento que o docente precisa estar atento para explorar o conhecimento desse aluno.

Questão 11: Identifica assuntos de textos orais?

Todos os alunos da turma conseguiam identificar os assuntos dos textos orais. Este tipo de atividade é muito importante para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem porque o aluno pode ter espaço e liberdade para expor as suas próprias idéias.

Questão 12: Antecipa assunto do texto com base em título, subtítulo e imagens?

A questão refleti também sobre quanto a escolha do material que deve ser objetiva. Os textos devem ser trabalhados conforme grau de dificuldade, faixa etária, mensagem, entre outros, visto que existem muitos tipos de textos, termos, palavras e finalidades diferentes na leitura. Também leva-se a reflexão de que as perguntas

são feitas sobre a idéia geral e a compreensão ocorre quando são encontradas as respostas para essas perguntas.

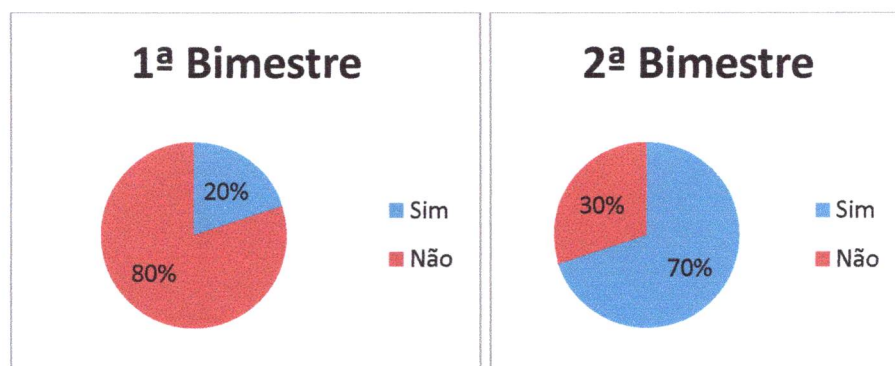


Gráfico 15 – Antecipa assunto do texto com base em título, subtítulo e imagens?
Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Entre o primeiro e o segundo bimestre houve um aumento de 10% na dificuldade dos alunos em antecipar o assunto do texto com base em título, subtítulo e imagem igualmente houve uma diminuição de 10% entre os alunos que apresentavam facilidade.

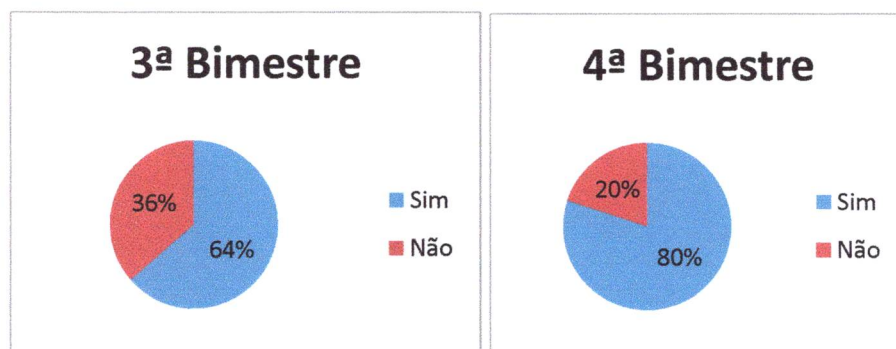


Gráfico 16 – Antecipa assunto do texto com base em título, subtítulo e imagens? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Entre o terceiro e quarto bimestre houve sensível melhor no desempenho deste quesito pois diminuiu-se de 36% para 20% o percentual de alunos com dificuldades e aumentou de 64% para 80% os que atingiram maior destreza.

Questão 13 - Em que nível da escrita a criança se encontra?

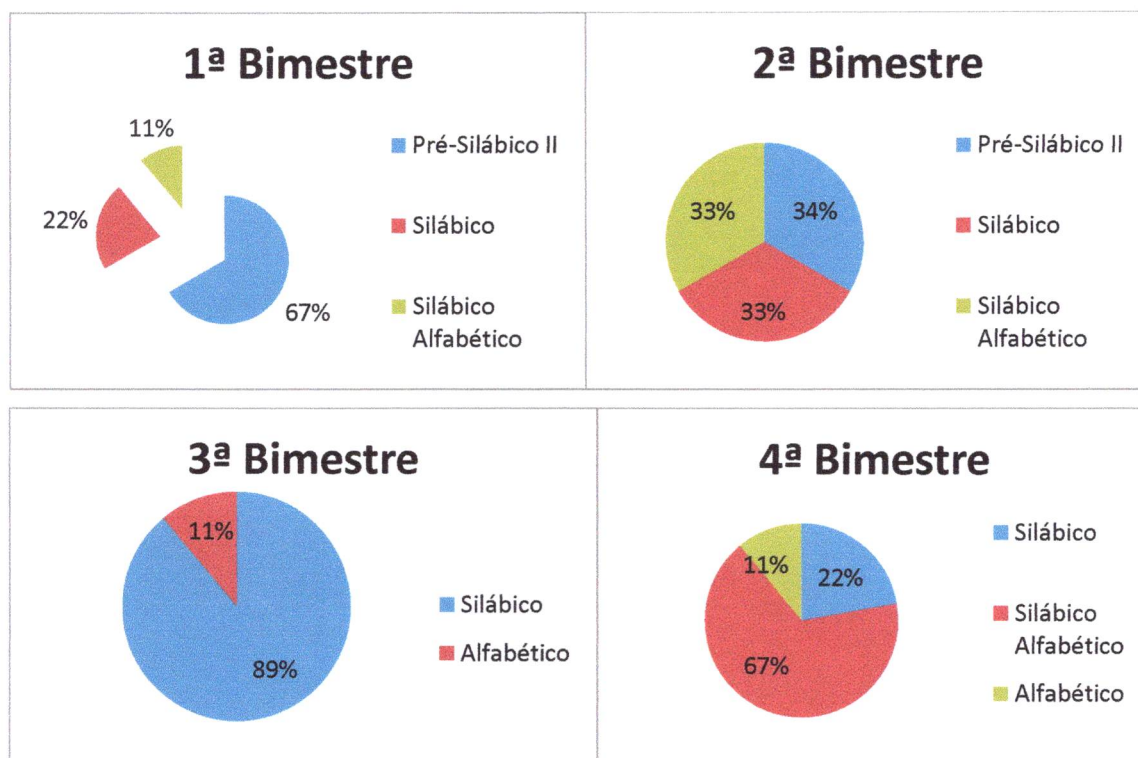


Gráfico 17 – Nível da escrita a criança se encontra? Fonte: Secretária da escola pesquisa (2012)

Em suma, avaliação do desempenho escolar dos alunos é de suma importância por ser uma forma de monitoramento de ação de ensino.

3.5 QUESTIONAMENTO COM OS PROFESSORES

Na intenção de melhor compreender a problemática que envolve as dificuldades e os resultados negativos quanto ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Os questionamentos foram levantados com os professores foram dez compreendendo: seu entendimento de leitura e escrita, o gosto de seus alunos pela leitura, o método adotado para trabalhar leitura em sala, as dificuldades de seus alunos com a leitura e com a escrita, sua postura diante destas dificuldades, iniciativas e projetos por parte da escola para superação desta problemática e da estímulo ao hábito da leitura, o envolvimento e acompanhamento por parte da família com o aprendizado da leitura e da escrita nas séries iniciais e ainda como estimular nas crianças o hábito pela leitura. Foi possível contar com a colaboração de três professores

Os professores da escola Jardim do Ouro, os quais trabalham com as séries iniciais, procurando noção sobre o que estes educadores teriam a dizer sobre as

dificuldades dos alunos em relação a leitura e a escrita, se a escola tem apresentado iniciativas que visem superar os problemas da leitura e da escrita, inclusive quanto à metodologia utilizada para este ensino em específico.

Quadro 2 – Questionamento com os professores

1 Formação acadêmica:	1 Licenciatura Plena em Pedagogia;/ 2 Licenciada em Pedagogia 3 Cursando o IV período de Pedagogia.
2 Significado de leitura :	1 buscar conhecimento em um determinado assunto; 2 Meio pelo qual se amplia os conhecimentos/ 3 Ler e conseguir escrever.
3 Gosto dos alunos pela leitura :	1 Não. a maioria dos alunos não gostam por falta de incentivo; 2 Não. Pois os livros didáticos não têm atrativos; 3. Alguns. Às vezes.
4 Método adota para leitura em sala :	1 forma dinâmica por meio de música... Leitura de roda. 2 Individual e coletiva; 3 Através da Literatura (contos clássicos).Fichas.
5 Dificuldades dos alunos das séries iniciais com leitura e escrita :	1 Falta de acompanhamento da família; 2 falta do hábito de ler (tanto aluno quanto família)... Escrita precária. 3 Timidez e deficiência por parte da família.
6 Postura do professor diante das dificuldades com a leitura :	1 resolver através de várias formas e métodos; 2 Levar a compreensão da importância da leitura; 3 trabalhar individualmente com o aluno.
7 Iniciativas da escola quanto a esta dificuldade dos alunos :	1 Não. 2 Não. 3 Elabora projetos para se trabalhar a leitura e a escrita.
8 Projetos da para estimular o hábito da leitura :	1 Não. 2 Não. 3 Sim.
9 Como envolver a família no aprendizado leitura/escrita :	1 reunião com os pais; 2 Motivação; 3 Feira de leitura e roda de conversas.
10 Como estimular a leitura das crianças:	1 Cantinho da leitura (diariamente); 2 leituras atrativas e diversificadas; 3 Livros de historinhas.

Os três professores questionados encontram-se com a formação acadêmica condizente com o trabalho com crianças de séries iniciais, pois formação de professores insuficiente e inadequada pode representar um dos motivos para as dificuldades de aprendizado dos alunos, principalmente nas séries iniciais.

Mediante suas respostas observa-se que os mesmos não têm ainda uma idéia concreta quanto ao significado de leitura para a escola, e principalmente para séries iniciais.

Evidenciaram que falta também um método esquematizado para se trabalhar leitura e a escrita. Seria possível afirmar que o professor em sua prática, resume a

alfabetização à simples ato de decodificação de símbolos, desenvolvendo um trabalho sem embasamento teórico metodológico.

Dos três professores somente um confirma a presença de iniciativas e projetos por parte da escola para o ensino mencionado. O processo ensino/aprendizagem nas séries iniciais necessita de iniciativas que possam estimular pesquisas, debates e troca de experiências dos educadores

Fica claro em suas respostas a ausência e a falta de acompanhamento e incentivo da família na escola.

3.5.1 Projeto de ação: incentivo a leitura na construção do saber

O projeto "Incentivo à leitura na construção do saber", se destina especificamente a alunos do 2º e 3º anos e conta com o apoio mútuo da direção da escola para com a professora da turma, refletindo-se ser através da leitura que se forma cidadãos críticos em busca de um melhor aprendizado.

Com a finalidade de trabalhar a leitura individual e em grupo, o projeto aproxima os alunos da aventura de descobrir personagens, paisagens, desafios, encantamentos, poesias, magias e diversões através do ato da leitura. Este encontro mágico torna-se essencial para o processo de ensinar os alunos menores a ler, pois vincula a atividade de leitura a momentos de afetividade e alegria, visto que ao ler, descobre-se mundos novos.

Aprender a ler não é só uma das maiores experiências da vida escolar, é uma vivência única do ser humano, pois, o dominar a leitura vai-se descobrindo um mundo de magia na vida do leitor. O processo de leitura não é natural, automático ou muito menos simples, precisa ser construído e não somente pelo aprendiz. Cabe ao educador oferecer às crianças os segredos que se utiliza para que se tome gosto pela leitura.

Diante desses fatos o projeto "Incentivo à Leitura na construção do sabe" visa desenvolver uma atividade envolvendo alunos do 5º ano à do 8º ano do Ensino Fundamental, como uma espécie de Amigos da Escola. Estes colaborarão com professores das turmas dos 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, auxiliando com as dificuldades desses alunos com de leitura, estes alunos da 5º ao 9º ano são estimulados a formar opiniões próprias sobre assuntos diversificados e a adquirir e construir conhecimentos.

Geral e especificamente o projeto objetiva promover junto aos educandos o acesso a textos e livros diversificados, que possibilitem aos alunos aprender e ao mesmo tempo repassar esses conhecimentos adquiridos, pois e ensinando que se aprende, como também, orientar sobre a importância da leitura para vida, expandir o conhecimento através da leitura; oportunizar a participação dos educandos em uma atividade diferenciada, estimular o gosto pela leitura, possibilitar a vivência de emoções, da fantasia e da imaginação.

A metodologia do projeto divide-se em três etapas: preparação, execução e avaliação. Inicia-se com a preparação do material que será utilizado para execução do projeto, entra-se em contato com a direção da escola, informando sobre o projeto "Incentivo a Leitura na construção do saber" pedindo autorização para executar o mesmo na referida escola, falando com os professores de língua Portuguesa das turmas que vão ajudar a executar este projeto nas turmas do 2º ano.

A execução compreende a apresentação dos alunos que irão ajudar no projeto. Em seguida, realização do projeto é iniciada com as leituras acompanhadas de dinâmicas e brincadeiras. O projeto será avaliado durante todo o processo, observando-se a participação ativa dos envolvidos. Os recursos materiais utilizados compreendem 35 livros, 20 gibis, 10 jornais, 10 revistas, 03 pincéis atômicos, 50 Lápis e 30 cadernos.

3.5.2 Material didático alternativo

O livro didático é o material da prática cotidiana do professor e da professora na escola. É suporte básico na organização do trabalho pedagógico quanto aos conteúdos a serem ensinados, a ordem em que serão trabalhados, as atividades que serão desenvolvidas, os textos a serem lidos e exercícios de fixação.

No entanto, reconhece-se que este material, que muitas vezes, precisa ser selecionado ou reinterpretado pelos educadores parcial. Os autores de livros didáticos e as editoras que são aqueles que planejam e estabelecem as finalidades talvez não levem em conta a realidade dos que executam o trabalho pedagógico, os docentes. Observa-se que a organização metodológica para orientar professores e crianças envolvidos no processo de alfabetização muitas vezes deixam a desejar não sendo totalmente eficientes.

O livro didático é usado diariamente só como um apoio acrescentando-se a ele a necessidade de utilização de outros materiais, outros preferem não usar um livro específico, retirando atividades de outros diferentes.

Além dos livros didáticos para de letramento e alfabetização o próprio educador pode recorrer, para aprimorar e complementar seus recursos materiais de maneira criativa e inovadora, montando cartilhas para trabalhar com as turmas.

Ressalta-se que os recursos lúdicos, como matérias coloridos preparados pelo docente, os quais possibilitam incentivo e motivação ao aprendizado, não são utilizados ou mesmo não recebem investimento.

CONCLUSÃO

Em suma a monografia em questão teve como objetivo geral e específico buscar reflexão quanto a dificuldades com a leitura e a escrita nas séries iniciais, bem como, sugerir umas possibilidades de aprendizagem motivadora e dinâmica através de projeto e materiais paradidáticos alternativos.

A ausência da família no cotidiano escolar é outro fator para as mencionadas dificuldades. Acontece muito de a família deixar a responsabilidade de ensino somente para a escola. No entanto, este esse papel é das duas. É importante que a formação escolar da criança conte com incentivo em seu próprio lar, ou seja, se dê desde cedo no meio da família.

No entanto, a culpa pelas dificuldades com a leitura e com a escrita dos alunos não deve ser atribuída somente a família e ao professor. A escola precisa se envolver como um todo diretamente no desenvolvimento do processo de aprendizado da leitura e da escrita através de projetos e de iniciativas, visto que uma escola motivada busca ideias novas e auxiliadoras.

Pode-se por em evidencia, entre as causas das dificuldades dos alunos com o aprendizado de leitura e escrita, a compreensão errônea que às vezes professores e professoras têm do ato de ler. O que é considerado matéria de leitura na escola pode estar longe de proporcionar aprendizado esperado. Um dos papéis importantíssimos do professor é estimular aspectos motores, cognitivos e afetivos vinculados ao contexto da realidade sócio-cultural dos alunos, numa concepção de aprendizado da leitura e da escrita que segue uma linha de evolução regular, independente da classe social, do dialeto falado ou de ter ou não cursado a pré-escola.

Quanto à adoção de formas e métodos para o ensino de leitura e escrita é preciso considerar os limites e as dificuldades individuais e coletiva dos alunos. Ressalta-se que o preparo para a aprendizagem na alfabetização e letramento representa o primeiro passo para se formar cidadão com autonomia para ler, interpretar e produzir texto.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Mirley. **Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade**. Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Itaituba (FAI)- 2011.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96**, Brasil, 1996.
- BRASIL, MEC/ Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília, 1998. v.3.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **O príncipe que virou sapo: considerações a respeito da dificuldade de aprendizagem das crianças na alfabetização**. Scipione, 1998.
- _____. **Alfabetização e Linguística**. Editora Scipione. São Paulo. SP. 2010.
- CONDEMARIN e ALEJANDRA, Mabel e Viviane. **Oficina de Linguagem**. Cidade Moderna, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2001.
- FERREIRA, Robenilda da Conceição. **Leitura nas séries iniciais : dificuldades vivenciadas por professores de um conjunto de escolas públicas de Itaituba - PA**. Trabalho de conclusão de curso (FAI) – Itaituba- PA. 2011
- FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. E. Ferreiro e ^a Teberosky. Artemed, 1999. Resultados do Saeb/2003. Inep, junho de 2004 (versão preliminar) <http://www.inep.gov.br/básica/saeb>
- FERREIRO, Emilia. **Coleção memória da pedagogia, nº 5: Emília Ferreiro: a construção do conhecimento**. São Paulo: Segmento Duetto 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1981.
- _____. **Conhecimento de mundo**. Cortez, São Paulo. 1996.
- _____. **A importância do ato de ler**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 10ª edição Campinas São Paulo: Pontes, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura. In: Do mundo da leitura para leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 11-65.
- MAROTE, João teodoro D'Olim e Ferro, Glaucio O'Olim. **Didática da língua portuguesa**. – 11ª edição , São Paulo Ática, 2003.
- MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**. São Paulo. Ática, 3. ed. 1998. 512p.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Brasiliense. São Paulo 2003.

MELLO, Maria Cristina; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. Secretaria De Educação Fundamental. **Letramento: Significados e Tendências**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

FREIRE, 1990. In: PEIXOTO et al, 2004<<http://www.filologia.org.br>>.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização Linguística; da teoria a prática/** Maria Inês Bizzotto Soares, Maria Luisa Aroeira , Amélia Porto. – Belo Horizonte - Dimensão, 2007.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização Linguística; da teoria a prática/** Maria Inês Bizzotto Soares, Maria Luisa Aroeira , Amélia Porto. – Belo Horizonte - Dimensão, 2007.

SOUZA, Regina Célia; BORGES, Maria Fernanda S. Tognozzi (orgs.) **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA, Regina Célia; BORGES, Maria Fernanda S. Tognozzi (orgs.) **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TFOUNI, 1995: Revista Nova Escola, edição de setembro de 2010. Editora abril.

TFOUNI, 2001 Revista Nova Escola, edição de setembro de 2010. Editora abril.

VIGOTSKI, 1998 (apostila utilizada não curso de Pedagogia da FAI- 2011).

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.